



A programação musical das emissoras de rádio em São Luís: notas sobre formatos de programas, gêneros musicais e participação do público¹.

Márcio MONTEIRO²

Carlos Eduardo PINHEIRO³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

A partir do mapeamento das programações radiofônicas das oito principais emissoras de rádio FM de São Luís e de entrevistas semiestruturadas, este artigo pretende discutir os critérios utilizados pelas mesmas para a definição das programações musicais. Nosso interesse é perceber de que maneira as emissoras organizam suas programações com base no público pretendido, nos formatos de programas e nos gêneros musicais. Pretende ainda discutir de que forma as escolhas feitas implicam a participação dos ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: produção radiofônica; programação musical; participação do ouvinte.

1 Introdução

Este artigo propõe uma discussão a respeito da programação musical veiculada pelas oito principais emissoras de rádio FM de São Luís. A capital maranhense tem, atualmente, as seguintes emissoras operando em frequência modulada: 92,3, Difusora, Mirante, Cidade, Mais, Esperança, São Luís e Rádio Universidade. Podemos agrupar as referidas emissoras em quatro grupos distintos de disputa por audiência: a 92,3 e a Esperança são voltadas para a propagação da fé evangélica, e disputam, neste sentido, o mesmo público-alvo; as rádios Difusora, Cidade e Mais têm programações musicais muito parecidas e, por serem extremamente populares, constituiriam um segundo grupo de disputa de audiência; com um público pretendido diferenciado das demais, mais jovem e de classes sociais mais altas, as emissoras Mirante e São Luís formariam um terceiro bloco; já a Rádio Universidade seria a única emissora a não disputar público com as demais, em função da proposta de programação que veicula.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: themarcmont@hotmail.com.

³ Radialista, graduado pelo Curso de Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV, da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: cadupinheiro.s@gmail.com.



Como metodologia, realizamos a pesquisa em três etapas: primeiro, fizemos um monitoramento das grades de programação das referidas emissoras; a seguir, realizamos entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pela definição da programação musical; e por último, coletamos informações nos sites oficiais a respeito da história e de como a emissora se vê em relação ao público ao qual se destina.

Na primeira parte do artigo, discutimos a organização da grade de programação das emissoras de rádio em frequência modulada e a questão da programação musical. Depois, ponderamos sobre a relação entre o público-alvo e os gêneros musicais. Apresentamos, em seguida, trechos da história do rádio no Maranhão e o perfil musical das emissoras de rádio de São Luís. Nesta parte do trabalho, discorremos também sobre a participação dos ouvintes na programação musical com base nos dados coletados por meio das entrevistas e do levantamento feito nas grades de programação e nos sites oficiais das emissoras.

2 A relação entre a indústria do disco e as emissoras de rádio

É sabido, por meio do que já foi narrado por diversos autores (dentre os quais destacamos TINHORÃO, 1981; FROTA, 2003; e TROTTA, 2011), que a história da indústria do disco e a história do rádio estão interligadas. Quando Thomas Edson inventou o fonógrafo, em 1877, faltavam apenas vinte e dois anos para que a primeira transmissão de voz fosse realizada na Inglaterra. Isto quer dizer, em outras palavras, que as tecnologias são contemporâneas, o que pode indicar, de certa forma, que uma teve na outra uma espécie de apoio no que diz respeito à experimentação de potencialidades.

Já nos primeiros anos do rádio, a transmissão de música popular tinha destaque na programação e atraía muita gente interessada em fazer sucesso. Segundo Tinhorão (1981), cantar no rádio se tornou uma atração acima de qualquer interesse financeiro. O rádio teria se constituído como um lugar propício para a realização artística daqueles que possuíam boa voz. Assim diz o autor sobre este aspecto: “[...] se falar ou cantar diante dos microfones não dava dinheiro, envolvia a criação de um mito que lisonjeava a vaidade pessoal, pela conquista da popularidade” (TINHORÃO, 1981, p. 41).

Mas são as músicas dos discos que, de fato, conquistam o rádio como meio de difusão. De acordo com a perspectiva “desmistificadora” de Frota (2003), a indústria fonográfica e a imprensa se constituem, na última década do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, a instância de consagração da música popular. Para o



autor, esta seria a fase da gravação mecânica de discos e da consolidação, na imprensa, de uma crítica de música popular. O rádio comercial, neste sentido, atrelado ao surgimento de vários profissionais especializados envolvidos na produção de discos, sinalizavam a estruturação de uma indústria cultural musical que precisa ser observada a partir de todos os elementos que a compõe. A relação dos meios, conforme já sugerido, fica clara quando o autor observa as polêmicas na imprensa carioca, nos anos 20 e 30, apontando uma comercialização da cultura popular a partir do disco e do rádio.

Mas é inegável, e isso pode ser dito sem o risco de superestimar o papel do meio no processo, a participação do rádio na consolidação de uma música popular. Para Frota (2003, p. 20):

“música popular” no Brasil dessa época podia ser, por exemplo, a expressão artística urbanizada de quaisquer manifestações musicais sem cunho erudito que, em caráter extraordinário ou não, estivesse acontecendo no Rio de Janeiro (e um pouco também em São Paulo) durante as três primeiras décadas deste século – mas somente as “poucas” manifestações musicais que efetivamente conseguiram alguma exposição na mídia carioca.

A diferença entre a abordagem proposta aqui e o pensamento do autor é que enquanto Frota discute a centralidade ocupada pelo Rio de Janeiro na emergente indústria fonográfica “nacional”, centramos a análise no lugar ocupado pelo rádio no processo de circulação destas músicas e na construção dos sucessos. É importante dizer, entretanto, que não pertenciam aos artistas as concessões legais para a exploração do serviço de rádio. Este poder ficava nas mãos de uma elite privilegiada economicamente, aspecto que aponta para a maneira como critérios políticos e econômicos condicionaram a programação das emissoras de rádio, num modelo parecido ao que conhecemos hoje.

Porém, sobre a relação entre a indústria fonográfica e as emissoras de rádio, Frota (2003, p. 24) pontua:

Inicialmente, pode-se supor que as novas instâncias de consagração [...] acabaram cooptando os integrantes da atividade musical de então como uma simples mão-de-obra barata, a mais barata que havia. E assim, no “espaço de possibilidades” não tinha para quem queria: todo artista amador sonhava com o disco e o rádio.

A massificação da música popular a partir dos anos 30 é fruto, conclui o autor, do estabelecimento da indústria fonográfica e da ascensão do rádio comercial.



Esta relação faz do rádio o principal veículo de divulgação de músicas na primeira metade do século XX. É o que aponta Trotta (2011), numa análise sobre a noção de mercado de música. Para o autor, vários são os elementos corresponsáveis pelo sucesso do processo comunicativo da canção popular. Um destes elementos, na etapa da divulgação, é o rádio. De acordo com o autor, o rádio forneceria gratuitamente músicas novas e consagradas para o consumo imediato.

Sobre a relação de complementaridade entre as emissoras de rádio e as gravadoras, Trotta (2011, p. 30) afirma:

De um lado, as gravadoras escolhem, produzem, divulgam e distribuem os produtos no mercado; simultaneamente, as rádios executam algumas canções dos discos, criando demanda para aquele produto. As duas instâncias dominam o mercado de música e conquistaram, no decorrer do século XX, um poder crescente capaz de determinar a esmagadora maioria das músicas que serão efetivamente consumidas pela população⁴.

Assim, temos que considerar o lugar que o rádio ocupa no processo de ascensão do sucesso fonográfico. O modelo de rádio comercial que conhecemos hoje, e que é central na discussão proposta por este artigo, tem origem, segundo Ortriwano (1985), em três fatos importantes ocorridos da história do meio: a autorização para a veiculação de propaganda, a partir de 1932; a invenção do transistor, em 1947; e o início da exploração da frequência modulada, nos anos 60. O primeiro fator foi responsável pela definição de um perfil mais comercial das emissoras de rádio. A transformação ocorrida é a seguinte: “[...] o que era ‘erudito’, ‘educativo’, ‘cultural’ passa a transformar-se em ‘popular’, voltado ao lazer e à diversão” (ORTRIWANO, 1985, p. 15). As emissoras de rádio se organizam como empresas e passam a disputar o mercado. Há uma busca pela profissionalização da produção, e as emissoras passam a contratar artistas, formando um *cast* de grandes talentos da música. A Rádio Nacional, por exemplo, tinha em seu time quase cem cantores e mais de cem músicos, além de dez maestros. Boa parte da verba utilizada na contratação destes e de outros profissionais, sugere a autora, era oriunda das mensagens comerciais.

A invenção do transistor pelos cientistas norte-americanos John Bardeen, Walter

⁴ O autor demonstra ainda preocupação com o lado obscuro desta relação. O pagamento extraoficial para que determinadas músicas façam parte da programação de uma emissora de rádio seria, diz Trotta, uma consequência funesta da articulação entre as gravadoras e as emissoras de rádio. Para o autor, o jabá “criou uma barreira no mercado que divide os lançamentos a partir do poderio financeiro das empresas e das opções comerciais adotadas por cada uma delas” (TROTТА, 2011, p. 33).



Brattain e William Schockley levou o rádio para o lado de fora das casas. Este novo elemento deu ao rádio uma nova característica importante: agilidade na transmissão de conteúdo. E o mais importante: a informação podia ser consumida a qualquer hora, em qualquer lugar, visto que o rádio passou a estar, finalmente, livre das tomadas das residências.

Mas foi a partir da década de 1960 que o rádio sofreu a sua mais importante mudança. Há dez anos lidando com as consequências geradas pela chegada da televisão ao Brasil, o rádio precisou reorganizar sua linguagem e repensar a sua programação. Mas também teve a oportunidade de começar a operar numa frequência diferente, modulada, com outro perfil. A marca das emissoras de rádio FM passou a ser, conforme aponta Ortriwano (1985), uma programação exclusivamente musical, além da busca por um contato mais próximo com os ouvintes. As emissoras de rádio AM organizam sua programação, a partir disso, basicamente com programas jornalísticos e com prestação de serviços. É claro que essa polarização não é engessada, mas cada frequência passou a dar ênfase a gêneros e formatos específicos de programas.

Deste modo, a programação das emissoras de rádio FM passou a ser organizada a partir da execução de músicas. Segundo Barbosa Filho (2003), os programas musicais se consolidaram com a emergência das emissoras de rádio FM. São programas cuja proposta é a de difundir o repertório de determinado artista, funcionando, como já dito, como uma peça importante na cadeia produtiva da música popular. O programa musical é um formato do gênero de entretenimento, o que permite, diz o autor, que outros formatos de outros gêneros como notícias, prestação de serviços e publicidade sejam utilizados. A programação musical, outro formato presente nas emissoras FM, é uma espécie de painel musical. Diz Barbosa Filho (2003, p. 116), sobre este aspecto: “Representada como uma esteira de músicas, reproduz o conceito geral de programação; na realidade, uma esteira de programas com a sequencialidade das execuções musicais”.

Algumas emissoras de rádio ainda organizam o *ranking* das músicas mais tocadas na programação, a chamada parada de sucessos. É importante salientar, entretanto, que fatores econômicos geralmente implicam esta lista das músicas mais “pedidas pelos ouvintes”. Estar nas paradas de sucessos, nos *hit parades*, é, como já apontou Shuker (1999), a obsessão das grandes gravadoras, porque estas listas “servem como índice e meio de promoção valiosos para a indústria fonográfica, direcionando a escolha do consumidor” (SHUKER, 1999, p. 210).



O fato de tocar música é, de acordo com McLeish (2001), uma das características do rádio como meio de comunicação. Este seria responsável por proporcionar desde a sensação de um agradável pano de fundo para outras atividades até uma total absorção. “A variedade de músicas é mais ampla do que a variedade da mais abrangente das bibliotecas, podendo dar ao ouvinte a oportunidade de descobrir formas musicais novas ou que ainda lhe são desconhecidas” (MCLEISH, 2001, p. 19).

Segundo o autor, uma característica universal das emissoras de rádio é que elas preenchem as horas de sua programação com música gravada. Mas antes de definir a programação musical, o produtor deveria se questionar sobre que tipo de público pretende atrair. Isto porque os critérios de seleção musical incluiriam o desejo do produtor ou do apresentador de oferecer um programa atraente, com uma variedade de músicas que seja coerente com a orientação do programa, de modo a atender às expectativas do público ao qual se destina. O autor observa que: “Nenhuma pessoa e nenhum programa consegue atrair a todos, mas mantendo uma abordagem coerente pode-se reunir um público fiel” (MCLEISH, 2001, p. 136).

Neste tópico, discutimos aspectos que moldam a relação da indústria fonográfica com o rádio. A seguir, a partir do monitoramento das grades de programação das oito emissoras de rádio FM de São Luís, examinamos os formatos de programas, os gêneros musicais mais executados e a relação destes dois elementos com a disputa local por audiência.

3 Formatos de programas e gêneros musicais nas FMs de São Luís

A história do rádio no Maranhão não tem recebido a devida importância. Um dos únicos registros feitos é o de Coelho (2003). No Maranhão, de acordo com o autor, os primeiros ensaios do rádio surgiram em 1924, com a Rádio Sociedade Maranhense. Antes disso, o que existia era a Escola de Radiotelegrafia, fundada pelo padre José Maria Gomes e por Laudelino Gomes. Mas somente em 15 de agosto de 1940, o rádio deu o ar de sua graça no estado, com a criação da Rádio Difusora, em amplitude modulada. A emissora, fundada pelo interventor do Maranhão naquela época, o médico Paulo Ramos, foi batizada mais tarde como Rádio Timbira. Em 1947, a Rádio Ribamar foi fundada por um grupo de empresários, liderados por Gerson Tavares. Anos depois, a rádio foi passada para o deputado Raimundo Vieira da Silva e deste, para o ex-governador Luís Rocha, que mudou o nome para Rádio Capital. Em 1953, circulava a notícia de que a



Rádio Ribamar iria operar com duas ondas de frequência. Na época, a emissora funcionava na Praça João Lisboa e emitia apenas ondas curtas. Com a nova concessão, a Rádio Ribamar passaria a ter ondas médias.

Ainda segundo Coelho, em 29 de outubro de 1955 foi fundada a Rádio Difusora, dos irmãos Bacelar, seguida pela Rádio Gurupi, hoje conhecida como Rádio São Luís, fundada em 1962 sob a direção José Pires de Saboia Filho. A emissora foi transferida em 1980 para o Grupo Zildeni Falcão. Nos registros de Lima Coelho, ainda são mencionadas a inauguração da Rádio Educadora, em 12 de junho de 1966, e a Mirante, em 10 de maio de 1988.

Nos anos 1970, com a criação do Plano Básico de Distribuição de Canais, as FMs começaram a se consolidar em todo país como veículo de comunicação de massa. Por ter uma curta propagação de suas ondas e excelente qualidade de som, as emissoras FMs começaram a aparecer em todo o Brasil. Nesse contexto, o autor revela que o mercantilismo tirou o foco original das FMs, levando-as a uma popularização extrema para garantir uma fatia maior do mercado publicitário e da audiência.

Em São Luís, ainda de acordo com os dados apresentados por Coelho, a primeira rádio nessa frequência foi a Difusora, fundada em 31 de outubro de 1979, funcionando na sede do Sistema Difusora. Na sequência, foram surgindo as rádios Cidade e Mirante, criadas em 8 de novembro de 1981; a Rádio Universidade, inaugurada em 21 de outubro de 1986; e em seguida, a Rádio Esperança, a Rádio São Luís e a Manchete FM. A última emissora FM a ser inaugurada em São Luís foi a 92,3.

Pensar sobre gêneros musicais no contexto das emissoras de rádio FM é importante porque permite a identificação de algumas pistas para a relação entre o ouvinte e a emissora de rádio de sua preferência. Esta ideia se articula ao pensamento de McLeish (2001), quando o autor sugere que o principal critério de seleção musical é o desejo por atender às expectativas do público ao qual o programa se destina. Na perspectiva de Janotti Junior (2006), os gêneros musicais são definidos por vários aspectos: elementos textuais, sociológicos e ideológicos. A rotulação, que para o autor funciona como uma estratégia de endereçamento, seria um modo de partilhar a experiência e o conhecimento musical. Isto é,

dependendo do gênero, elementos sonoros como distorção, altura e intensidade da voz, imagem, performance, papel das letras, autoria/interpretação, harmonia, modo, melodia e ritmo ganham contornos e importâncias diferenciadas (JANOTTI JUNIOR, 2006, p. 5-6).



Ainda de acordo com o autor, os gêneros musicais envolvem direcionamento e apropriações culturais, estratégias de produção de sentido inscritas nos produtos musicais, além da produção e recepção musical no sentido estrito. A formação dos gêneros musicais diz respeito a:

[...] estratégias de convenções sonoras (o que se ouve), convenções de performance (regras formais e ritualizações partilhadas por músicos e audiência), convenções de mercado (como a música popular massiva é embalada) e convenções de sociabilidade (quais valores e gostos são “incorporados” e “excorporados” em determinadas expressões musicais (JANOTTI JUNIOR, 2006, p. 6).

Ora, se os gêneros musicais são responsáveis pela rotulação daquilo que se ouve a partir de aspectos sonoros, pelos rituais que são compartilhados entre artistas e ouvintes no que tange à performance, pelas relações de mercado que se estabelecem e também pelo modo como as expressões musicais são valoradas, é importante que se pense o lugar dos meios de comunicação de massa, em particular do rádio, nesse processo. Isto porque, conforme a perspectiva de Janotti Junior, uma canção seria, ao mesmo tempo, a música, sua respectiva performance e circulação; e a audiência consome, além das sonoridades, as estratégias midiáticas e econômicas inscrita nos gêneros musicais.

Nosso argumento aqui é o de que a relação estabelecida entre ouvintes e emissoras de rádio FM se justifica, pelo menos parcialmente, pelo tipo de programação musical oferecido. Não é uma relação determinada, estanque, engessada. Mas entendemos que este aspecto força, em certa medida, a segmentação e, conseqüentemente, a distribuição da audiência entre as emissoras a partir do que eles oferecem em sua programação.

Dados de uma pesquisa realizada pela Escutec, empresa de pesquisas de opinião, divulgados em 2009 mostram quais são as emissoras de rádio FM mais ouvidas em São Luís. Um dos aspectos levados em conta pela pesquisa diz respeito à classe social dos ouvintes. A Mais FM é uma emissora cuja maior parte da audiência se concentra nas classes D e E, de acordo com o relatório. Embora isto se aplique também à Esperança, não há disputa por audiência desta com a Mais, uma vez que o público da Esperança era, pelo menos em 2009, antes da 92,3, exclusivo. Na classe C é que está a maior disputa: a disputa por audiência é maior entre as rádios Cidade, Difusora, Mirante e São Luís. A Universidade, ainda de acordo com a pesquisa, também teria maior



concentração de ouvintes na classe C, embora sua proposta seja diferente das demais emissoras que brigam por este público.

Na seção a seguir, observamos o perfil musical das emissoras de rádio FM de São Luís e a relação destas com os ouvintes.

3.1 As emissoras

As informações desta seção foram coletadas a partir dos sites das emissoras e de entrevistas realizadas com os responsáveis pelas programações musicais das mesmas. Nas entrevistas semiestruturadas, os coordenadores e diretores foram perguntados, entre outros tópicos, sobre os critérios utilizados para que determinada música componha a programação musical, sobre a aquisição de músicas e sobre a participação dos ouvintes. As emissoras aparecem na ordem das frequências que ocupam no *dial*.

3.1.1 92,3

A 92,3 é a emissora mais nova de São Luís. Voltada para o público evangélico, foi ao ar pela primeira vez em 2010. A programação é composta por música gospel, independente de qual seja o gênero. Para Ramon Hernandez, diretor comercial da 92,3, um dos critérios utilizados para a seleção das músicas que vão compor a programação é que sejam músicas com “qualidade” de gravação. Além disso, a rádio toca, além dos *hits*, músicas de artistas chamados de parceiros. O tipo de parceria não foi especificado. Os ouvintes, de todas as classes, participam da programação pedindo músicas pelo telefone e pelas redes sociais. De acordo com Ramon Hernandez, a emissora recebe as músicas que tocam na programação diretamente das gravadoras, dos selos e diretamente dos artistas. As músicas mais pedidas pelos ouvintes formam uma parada de sucessos, que vai ao ar diariamente. Parte considerável da programação é composta por programas que, além das músicas, fornecem informações sobre o cenário evangélico e mensagens bíblicas.

3.1.2 Difusora

Esta é a primeira emissora de rádio FM de São Luís, tendo sido inaugurada no ano de 1979. De acordo com o DJ Mauro Blug, programador musical da Difusora, a



emissora costuma selecionar as músicas que vai executar entre os sucessos do momento, ou seja, a partir dos *hits*. Além disso, costuma preencher a programação com *flashback*. Entre os gêneros musicais mais executados estão o sertanejo, o pagode, o pop e o rock. Os ouvintes costumam participar com pedidos de músicas pelo telefone e pelo site da emissora. O registro do pedido é feito pelas atendentes, e as músicas mais pedidas passam a compor um *ranking*. O programador musical informou que a emissora costuma receber as músicas que executa direto das gravadoras, das distribuidoras e também dos artistas.

3.1.3 Mirante

Fundada em 1981, a Mirante FM compõe o Sistema Mirante de Comunicação. Entre os gêneros musicais mais executados na programação estão o pop e o rock, mas também há espaço para o axé e para a música maranhense. Segundo Evandro Costa, coordenador artístico da emissora, a Mirante tem como desafio oferecer uma programação musical que atenda às expectativas de um público que acompanha os trinta e um anos de história da rádio, mas também as expectativas de um público jovem, ávido por lançamentos e *hits*. Os ouvintes, das classes A e B, participam da programação pedindo músicas pelo telefone, pelo site da emissora e pelas redes sociais. As músicas mais pedidas compõem um *ranking* semanal. O coordenador artístico da emissora afirma que há muito tempo a Mirante deixou de receber músicas das gravadoras e distribuidoras. O acervo seria composto por músicas que a emissora compra de sites especializados, como é o caso do *iTunes*. Ou então, por músicas que os próprios artistas deixam na rádio. A programação da Mirante FM é formada, basicamente, por programas de entretenimento.

3.1.4 Cidade

A Rádio Cidade foi inaugurada em 1983, e tem uma programação principalmente voltada para a classe C. Tem o objetivo, de acordo com informações postadas no site oficial da emissora, de abraçar toda a diversidade cultural do Maranhão. Com o *slogan* “A Rádio que todo mundo ouve!”, a Cidade tem uma programação popular, e os gêneros musicais que mais executados são: música sertaneja, pagode, axé, forró e a música brega. Segundo Paulo Rogério de Oliveira, diretor de produção da



Cidade, por ser uma “emissora de hits”, a rádio tem como critério para selecionar as músicas que vão entrar na programação o sucesso que a mesma faz. A emissora recebe as músicas que são executadas diretamente das gravadoras, por meio de sites específicos da internet. Os ouvintes participam da programação pedindo músicas por e-mail, pelas redes sociais e por telefone. As chamadas telefônicas são responsáveis, afirma Paulo Rogério, por 70% dos pedidos de músicas feitos. As músicas vão ao ar por meio de um programa de computador, que registra a quantidade de vezes que as mesmas são executadas. As mais executadas pela emissora passam a compor um *ranking* diário, no programa Sucessos da Cidade.

3.1.5 Mais

A Rádio Mais FM foi inaugurada no ano 2000 e pertence ao grupo Alegria Produções. Foi afiliada da Rede Somzoom Sat até o ano de 2003, quando começou a veicular programação própria. A estratégia adotada pela Mais quando começou a operar localmente foi trazer para o seu *cast* os locutores mais populares das emissoras com as quais iria concorrer, como Mary Beltrand, que era da Difusora, e Stênio Kawasaki, procedente da Cidade. O gênero musical mais executado pela emissora é o forró, e boa parte das promoções realizadas pela emissora estão relacionados aos shows de bandas de forró promovidos pela Alegria Produções. Os pedidos de músicas podem ser realizados pelo site da emissora e pelo telefone. Entretanto, o responsável pela programação da emissora não quis responder à entrevista.

3.1.6 Esperança

Primeira emissora evangélica do Maranhão, a Esperança foi fundada em 1990. Pertence à igreja Assembleia de Deus, mas parte considerável da programação é arrendada para outras denominações evangélicas. A Esperança tem poucos programas exclusivamente musicais. A maioria dos programas é voltada para a disseminação da fé evangélica e debates sobre temas ligados à religião. Executa apenas música gospel, nos mais variados gêneros em que estas são gravadas. Segundo o coordenador geral da emissora, Natinho Gomes, a participação dos ouvintes no pedido de músicas se dá exclusivamente pelo telefone, durante os programas. A aquisição de discos acontece de várias maneiras, dentre as quais se destacam o recebimento de material das gravadoras,



selos e distribuidoras e o recebimento de material promocional diretamente dos artistas. De acordo com Natinho Gomes, a emissora dificilmente compra discos. Nem sempre a emissora faz o monitoramento das músicas mais pedidas na programação. Quando o faz, leva em consideração o que dizem os produtores e apresentadores.

3.1.7 São Luís

A rádio São Luís começou a operar em 1991. Manteve uma programação local até o ano de 1994, quando se filiou à Rádio Antena 1, de São Paulo, e passou a fornecer uma programação musical diferenciada, marcada por flashbacks e músicas internacionais. Em 1997, a emissora passou a ser repetidora do sinal da Rede Somzoom Sat, do Ceará, e a programação musical foi composta, basicamente, pelo forró. A partir de 2001, a São Luís se afiliou à Rede Jovem Pan Sat, também de São Paulo. Em função desta mudança, o forró foi substituído por uma programação musical voltada para o público jovem, com gêneros musicais como pop, rock e *dance music*. De acordo com Paulo Falcão, coordenador geral da emissora, as músicas executadas pela São Luís são aquelas que compõem a *playlist* da Rede Jovem Pan, e as músicas estão disponíveis no sistema da emissora. A Rádio São Luís tem apenas dois programas locais, e a programação musical não é muito diferente do restante da programação. Pedidos musicais são feitos pelo site oficial da Rede Jovem Pan, pelo telefone e pelas redes sociais. As músicas mais pedidas pelos ouvintes passam a compor um *ranking* que vai ao ar diariamente.

3.1.8 Universidade

Fundada no ano de 1986, a Rádio Universidade FM é uma emissora de caráter educativo e cultural. É uma emissora universitária, mantida por uma Fundação. Segundo o site oficial da emissora, a rádio pode ser reconhecida por valorizar a cultura local, e destina parte considerável da sua programação para músicas produzidas por artistas maranhenses. Sobre os critérios utilizados para a seleção das músicas que vão compor a programação, Paulo Pellegrini, coordenador geral da Universidade, afirma que a emissora segue seu histórico, privilegiando a música popular brasileira. Outros gêneros, como rock, pop e reggae, foram incorporados à programação ao longo dos anos. Os ouvintes podem fazer pedidos de música apenas em dois programas: Você Pediu e



Programação do Ouvinte. No primeiro, os pedidos são feitos pelo telefone. No segundo, os ouvintes encaminham uma lista com vinte músicas pelo correio ou pelo site da emissora. As músicas mais pedidas compõem um *ranking* semanal, e isto é mensurado por um *software*. Sobre a aquisição de músicas novas, Paulo Pellegrini afirma que a emissora compra quase 100% dos discos que tem no acervo. Além disso, artistas independentes costumam deixar seus discos na emissora, para que suas músicas entrem na programação.

4 Considerações finais

Neste trabalho, propusemos uma análise da maneira que as emissoras de rádio FM de São Luís organizam suas programações e, especificamente, as programações musicais, de modo a atrair e consolidar o público ao qual se destinam. Observamos que a história do rádio em frequência modulada aponta para o privilégio da execução de músicas, e que esta característica beneficia as grandes gravadoras e os artistas. A indústria do disco passa, neste sentido, a ter no rádio um importante aliado no que diz respeito à divulgação de novos produtos. É claro, porém, que esta relação, muitas vezes, acontece sob certa pressão econômica, o que quase sempre forja o papel que as emissoras cumprem em suprir as expectativas dos ouvintes.

Como vimos, a música tem lugar privilegiado na programação de emissoras de rádio FM. Nos anos dourados do meio, entre os anos 1930 e 1940, a execução de música popular redundou em popularidade e a relação das emissoras de rádio com as gravadoras se consolidou ao longo do século XX. Quando, a partir da década de 1960, a frequência modulada achou seu lugar, a música passou a dominar as programações. Dentro do gênero de entretenimento, a maioria dos formatos, dentre os quais se destacam os programas de variedade, faz uso da música popular como principal oferta aos ouvintes.

Mesmo em tempos em que o acesso à música acontece por meio de outras fontes, como a internet e os CDs piratas, por exemplo, as emissoras de rádio encontram maneiras de incentivar a participação dos ouvintes. Normalmente, os ouvintes fazem pedidos de músicas pelo telefone, mas as redes sociais e os sites oficiais das emissoras passaram a auxiliar nesta interação. E é da internet que vem, por outro lado, a maior parte do acesso das emissoras às novas músicas, uma vez que estas podem ser



compradas de sites especializados em *downloads* ou mesmo baixá-las gratuitamente de *blogs* ou sites.

Em São Luís, o argumento que pretendemos sustentar com este artigo é o de que as emissoras de rádio FM estão divididas em quatro grupos diferentes de disputa pela audiência. Inferimos e justificamos nossa argumentação a partir do fato de que os gêneros musicais oferecidos pelas emissoras são, conforme observamos, estratégias de endereçamento. O grupo onde a disputa pela audiência é mais acirrada reúne as rádios Difusora, Mais e Cidade. Nestas emissoras, voltadas para as classes C, D e E, os gêneros musicais mais executados são forró, brega e sertanejo. O segundo grupo é o formado pelas emissoras voltadas para os jovens e adolescentes das classes A e B (e talvez C): Mirante e São Luís. Os gêneros musicais mais executados por estas emissoras são pop, rock e música eletrônica.

O grupo formado pelas emissoras evangélicas é o terceiro. A Esperança e a 92,3 disputam a audiência do segmento evangélico de todas as classes sociais. Executam música gospel, nos mais variados gêneros musicais em que estes são gravados pelos artistas do meio. Mas nem sempre essa disputa existiu. A Esperança não teve nenhuma concorrência que significasse perda real de audiência até o ano de 2010, com a chegada da 92,3. Por último, identificamos o grupo formado pela Universidade. Entendemos que esta, pela proposta de ser uma emissora voltada para a veiculação de programas de cunho educativo-cultural e pela veiculação de gêneros musicais como MPB, música folclórica e gêneros como jazz e choro, acaba por não disputar audiência com as demais emissoras.

O que sugerimos com esta análise é que a formação do público-alvo de uma emissora de rádio FM passa pelos gêneros musicais que esta executa. Uma ressalva importante precisa ser feita: este endereçamento, ou seja, esta relação entre gêneros musicais e audiência não é engessada, estanque, redutora. Por isso mesmo, acreditamos que apenas a perspectiva dos produtores de programas e diretores de emissoras não é suficiente pra dar conta dessa argumentação. Seria necessário, neste sentido, a realização de um trabalho de pesquisa que contemplasse a perspectiva dos ouvintes em relação ao que é oferecido pelas emissoras de rádio que ouvem, o que será feito em outra oportunidade.

Isto nos permitiria, inclusive, dirimir qualquer contradição existente entre o consumo de rádio em São Luís e os resultados das pesquisas de opinião, ou contradições entre o público ao qual uma emissora se destina e o público que, de fato, consome



aquela programação. Seria possível, ainda, avaliar se o espaço e os canais disponibilizados para que a audiência possa participar da programação das emissoras é considerado, por esta, como suficiente. E, por último, uma pesquisa que levasse em conta a perspectiva dos ouvintes de rádio FM em São Luís poderia nos permitir identificar ouvintes que não mantêm relação com as emissoras em função dos gêneros musicais executados. Em outras palavras, identificar ouvintes que ouçam rádio sem se deixar enquadrar pelos rótulos muitas vezes excludentes que os gêneros musicais de certa maneira impõem.

Referências

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

COELHO, Carlos Alberto Lima. **Show de rádio**: subsídios para a história do rádio maranhense. São Luís: Litograf, 2003.

ESCUTEC. **Audiência de Rádio FM**. Disponível em http://www.escutec.com.br/UserFiles/File/S%C3%A3o%20Lu%C3%ADs-%20R%C3%A1dio_Junho_2009-Tab_MOD.pdf. Acessado em 02 de maio de 2012.

FROTA, Wander Nunes. **Auxílio luxuoso**: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e indústria cultural. São Paulo: Annablume, 2003.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **UNirevista**. 1(3), 2006.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. 3ª. ed. São Paulo: Summus, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular**: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981.

TROTTA, Felipe. **O samba e suas fronteiras**: “pagode romântico” e “samba de raiz” nos anos 1990. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999.